

05 Julho 2019

Guiné, 1963 - Alpoim Calvão e DFE 8

(Post reformulado a partir de outro já publicado em 3 Outubro de 2012/5 de Julho de 2019)

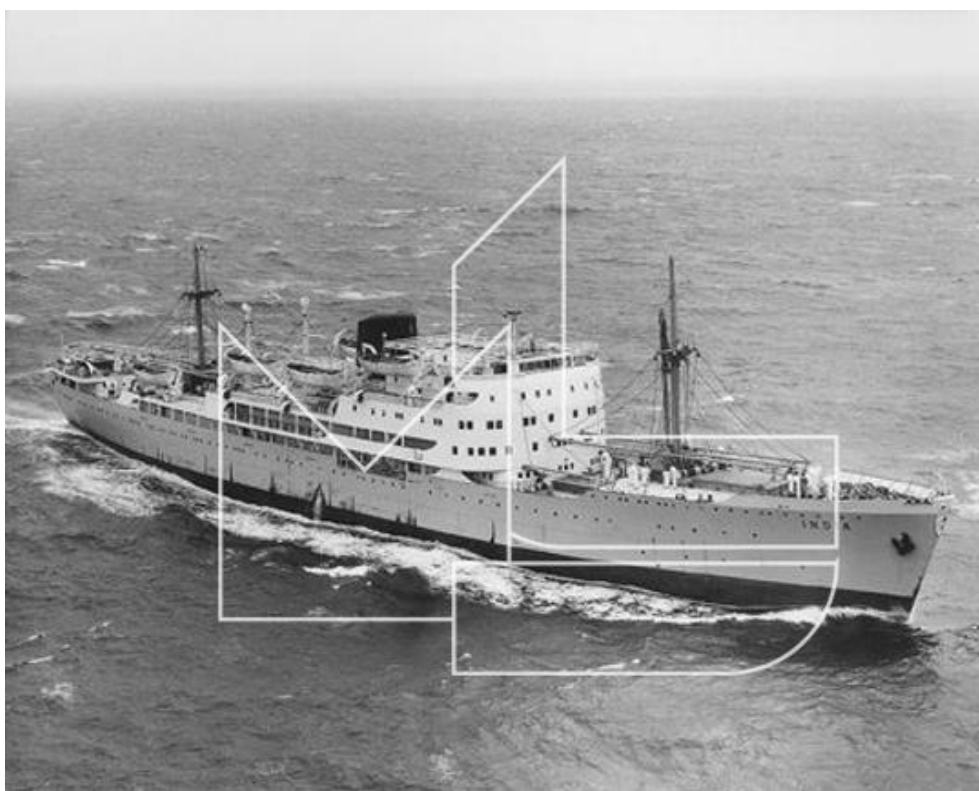
Alpoim Calvão e DFE 8 na Guiné - Operação "Hitler"

O DFE 8 – Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 8 foi comandado pelo 1TEN Guilherme Almor Alpoim Calvão, teve como oficial imediato o 2TEN José Manuel Malhão Pereira e, como 3.º oficial, o STEN RN Abel Machado de Oliveira (5.º CEORN) que, tendo sido mais tarde ferido em combate, foi substituído pelo STEN RN José Luis Couceiro (5.º CEORN).

Em 1963/64 já havia conhecimento da existência de embarcações comerciais diversas, capturadas com a conivência de elementos das tripulações e postas ao serviço do PAIGC no sul do território. Seriam utilizadas em transportes logísticos a partir de bases na Guiné-Conakry, utilizando os rios da fronteira para penetrarem no território.

Marinha do PAIGC

[\(link para o artigo do blogue\)](#)

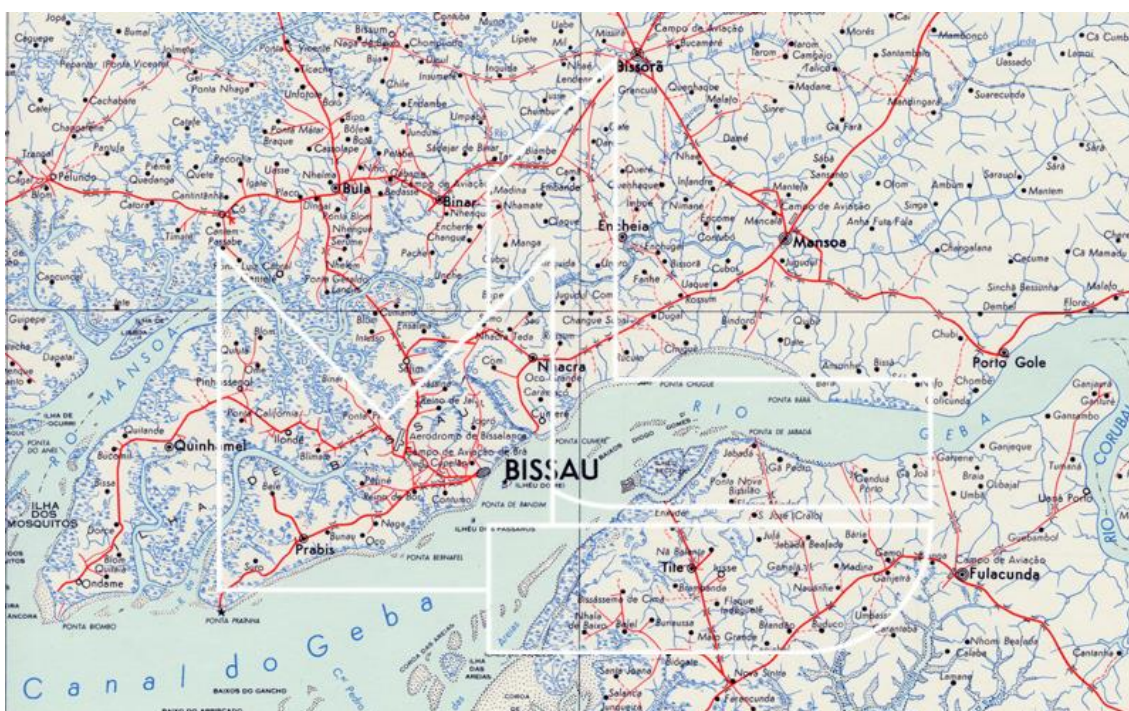


O paquete «Índia» (1951-1971)

Sobre o DFE 8 escreve Alpoim Calvão:

“...Quando, no fim de Setembro de 1963, sob o meu comando, embarcou no “Índia” para a Guiné, o Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 8 (DFE 8), existia já entre os seus componentes um espírito de corpo e um estado de alma que muito viriam a contribuir para o sucesso das missões que viriam a ser cometidas à unidade. Chegámos a Bissau no dia 4 de Outubro.

“...No dia 14 partimos para a primeira operação em Jabadá. Poucas horas depois entrámos em combate. O silvo das balas sobre nós, se não foi um ruído agradável, constituiu compensadoramente um alívio, ao verificarmos que conseguíamos dominar o medo e andar para a frente. A verdade é que, durante esses dois anos, a actividade do DFE 8 se pode resumir em «andar para a frente».



Bissau - Canal do Geba e, a montante, na margem esquerda, a ponta de Jabadá

No dia 27, em Darsalame, península do Cubisseco, tivemos os primeiros feridos. Mas os homens aguentaram firme. Se porventura algum deles ler estas páginas, quero que saiba que me mantenho exactamente igual ao que era. A amizade e a admiração que souberam despertar em mim não mudaram. A generosidade no esforço, o bom senso, a abnegação, o sacrifício, a coragem, tudo se reunia nos meus homens. Nas lalas e nas bolanhas, no tarrafo ou na floresta, debaixo de aguaceiros ou sob o sol ardente, foram meus amigos e meus mestres. Ensinaram-me que o possível e o impossível é a medida da vontade de um homem...”

Mais tarde, entre Janeiro e Março de 1964 o DFE 8 veio a participar na mais complexa operação levada a cabo em território da Guiné, a operação “Tridente”, numa acção combinada de forças do Exército, Marinha e Força Aérea, iniciada em 15 de Janeiro de 1964 que tinha como finalidade ocupar as três ilhas que constituem a região do Como: Caiar, Como e Catunco, que, desde 1963, estavam sob domínio dos guerrilheiros do PAIGC - Partido

Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Desenvolvida em três fases, a operação foi dada como terminada a 24 de Março.

Mais à frente relata ainda Alpoim Calvão:

“... Tive também a sorte no que respeita aos oficiais que comigo dividiram a condução dos homens.

O meu imediato era um segundo tenente “acabadinho” de promover. Valente, sereno, com uma rara habilidade para relações humanas, foi uma das traves mestras do nosso pequeno edifício. O José Manuel Malhão Pereira será sempre lembrado por nós com admiração e carinho. Onde quer que esteja tem, em cada elemento do DFE 8, um verdadeiro amigo.

Um pouco mais velho, licenciado em Economia e Finanças, ar “bazé” de quem já bateu os caminhos da vida, assim era o Abel Machado de Oliveira. Lutou com bravura e foi ferido duas vezes, a última das quais gravemente: uma bala de ricochete “pregou-lhe” o boné camuflado ao crâneo. Felizmente não lhe atingiu as meninges tendo, contudo, sido obrigado a alguns meses de hospitalização.

Foi substituído por outro esplêndido oficial. Beirão de reflexos rapidíssimos, barba e cabelos ruivos, bem humorado, “tesíssimo”. Um nome que nunca esqueceremos – José Luís Couceiro, o “Ruço”.

Todo este material humano, da mais alta qualidade, facilitou-me extraordinariamente as funções de chefia. Comandar o DFE 8 foi, acima de tudo, uma fonte permanente de gratíssimo prazer profissional.

Após dois anos intensos de fadigas e dezenas de combates, regressámos a Lisboa a bordo do “Vouga”, velho contratorpedeiro que realizava a sua derradeira missão...”



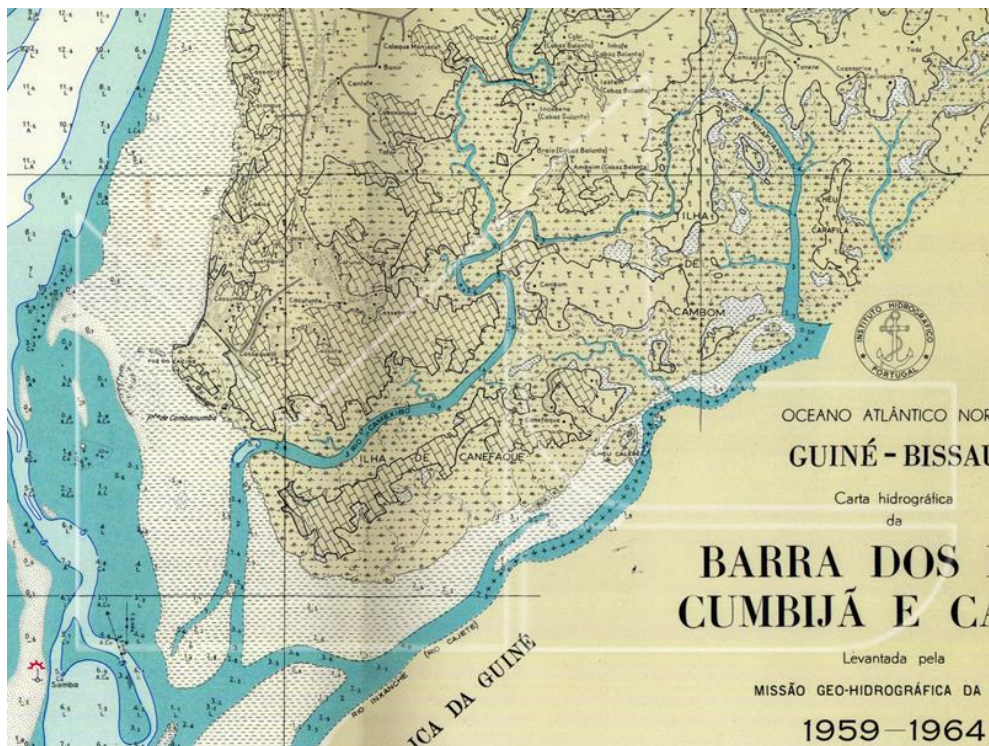
O contra-torpedeiro «Vouga»

Operação “HITLER”

(relato de Alpoim Calvão)

"Os preliminares da operação consistiram na recolha do maior número de informações possível sobre a zona de acção. Estes foram baseados principalmente na fotografia aérea e nos levantamentos hidrográficos já efectuados

No dia 30 de Abril de 1964, partiram de Bissau para as proximidades da marca Samba, na foz do Cacine, a LFG “Dragão” (1TEN Lopes Carvalheira) e as LDM 304 e 306, transportando três secções do DFE 8.



Rio Cacine - a barra sul com a marca Samba à esquerda, em baixo. Na margem esquerda, é visível a foz do rio Camexibó e o rio Inxanche, este último fronteira com a República da Guiné. Mais a montante contorna o ilhéu Calebe e, com o rio Nhafuane que desagua no Camexibó, fecham no conjunto as ilhas de Cambom e Canefaque.

A ideia de manobra operacional compreendia duas partes:

Colocação duma secção reforçada num ilhéu do rio Nhafuane, com tarefa de interceptar o barco, caso este fizesse o transporte rio acima, desembarcando o material próximo da base de Cassaca.*

Colocação de dois botes de borracha, à noite, junto da estrada de Kandigné, a fim de abordar o barco. Este seria depois rebocado pelas LDM em direcção a Samba. O pessoal que se destinava ao ilhéu era comandado pelo STEN Machado de Oliveira. Além do material normal de combate, levava jogos (gamão, damas, etc.), livros e revistas a fim de matar o tempo durante a espera que se previa longa.*

O transporte foi assegurado pela LDM 306 que, no dia 1 de Maio, pelas 22H00, iniciou a subida do Camexibó. Uma hora mais tarde, foi emboscada ligeiramente, da margem direita do rio, sem consequências. Cerca das 24H00 largou os homens no local da

emboscada, rodou com muita dificuldade devido à estreiteza do rio e voltou a ser atacada no regresso, pelas duas da manhã do dia 2.

Às dificuldades que o grupo embarcado iria fazer frente, juntou-se uma outra, não prevista; a amplitude das marés. Com efeito, na praia-mar, a água do ilhéu atingia metro e meio de altura, obrigando o pessoal a passar parte do tempo empoleirado nas árvores.

Estava de antemão estabelecido o programa de comunicações, que se conseguiu cumprir à risca, o que permitia ao comando uma boa panorâmica da situação no ilhéu. Na noite de dois para três, iniciou-se o posicionamento dos botes, à entrada de Kadigné, sob o comando do 1TEN Calvão.

No dia 5 de manhã, foi prestado socorro a um pescador, cuja embarcação se virara junto à marca de Samba. Era natural da Serra Leoa, habitava temporariamente em Katchek – alguns quilómetros a sul de Kadigné – e chamava-se David. A gratidão e alguns copos de vinho tinto – para o qual demonstrava uma notável inclinação – levaram-no a dar algumas informações sobre a situação de tráfego do PAIGC na zona. Estas, conjugadas com as péssimas condições sofridas pelo grupo do ilhéu e com os horários das marés que não permitiam a colocação dos botes em Kadigné, levaram à decisão de interromper a operação e aguardar melhor oportunidade.

Dia 15, regressou-se aos locais, montando o dispositivo já descrito. O início das chuvas tornou a permanência do pessoal emboscado ainda mais difícil. O apoio era agora fornecido pela LFP “Canopus”, que se via e desejava para aguentar, fundeada, o mar levantado pelos tornados.

Dia 23, resolveu-se retirar novamente o pessoal, dado que as condições de maré deixavam de ser favoráveis.



1967 - A LDM 306 atracada em Bissau

A LDM 306 iniciou a subida do rio Camexibó pouco depois da meia-noite. Recolheu o

grupo emboscado no ilhéu do rio Nhafuane, que estava exausto, e inverteu o rumo para sair. A 5 milhas da foz do Camexibó, sofreu um fortíssimo ataque de ambas as margens. As posições inimigas em número de nove, estendiam-se ao longo de duas milhas e estavam guarnecidas com morteiros, metralhadoras pesadas e armamento ligeiro. Fazendo fogo com todas as armas, a LDM, sob o comando do 2TEN Malhão Pereira, conseguiu superiorizar-se e atravessar a “zona da morte”, sofrendo 58 impactos de vários calibres. O STEN Machado de Oliveira foi gravemente ferido na cabeça. Além do 2TEN Malhão Pereira, distinguiram-se sobremaneira os grumetes fuzileiros Isidoro Cernadas e Dias da Rosa

Novamente se regressou a Bissau para aguardar nova oportunidade e ajustar os dispositivos às novas condições táticas.

Entretanto, o Governo de Sekou Touré, por decreto de 3 de Junho de 1964, indicava os limites das águas territoriais da Guiné: a N, o paralelo de latitude 10° 56' 42" e a S o paralelo 9° 03' 18" N; largura das águas 130 milhas!

Dado que o limite N implicava com a zona de partida das acções nos rios Camexibó e Inxanxe, o Governador da província (General A. Schultz), suspendeu as operações a fim de evitar incidentes de fronteira."

In "De Conakry ao M.D.L.P. - dossier secreto", Alpoim Calvão, Ed. Intervenção, 1976

* Suposto constituir uma referência a uma das possíveis embarcações capturadas pelo PAIGC.

Só cinco anos mais tarde se recomeçaram as operações, primeiro com a operação “Nebulosa” iniciada em 15 de Agosto de 1969 e, mais tarde, a operação “Gata Brava” lavada a cabo em 6 de Fevereiro de 1970, tendo esta última culminado com a captura e afundamento do “Bandim”.

1 comentário:



Elder Fernandes disse...

O 8ª DFE foi uma força de elite e o seu comandante, então Primeiro Tenente, um exemplo de oficial da Marinha e de comando de tropas especiais. Cheguei à Guiné em Julho de 64, sendo oficial Fuz RN da 7ª CIA Fuzileiros. Tive o prazer de coabitar na messe dos fuzs com o Comandante Alpoim Calvão que, além do mais, era um excelente tenor, catava ópera. Conheci também o então Tenente Malhão, imediato, e o Couceiro, também da Reserva Naval. O 8º DFE foi um exemplo e um farol para todos nós. Foi triste a sua partida prematura.

Elder Fernandes

5 de julho de 2019 às 21:10

Fontes:

Pesquisa e compilação de texto do autor a partir do relatório de documentação do Arquivo da Marinha, Núcleo 236-A; Operação Mar Verde, António Luis Marinho, Temas e Debates, 2006; De Conakry ao MDLP, Alpoim Calvão, Intervenção, 1976; fotos de arquivo do autor, Arquivo da Marinha; LDM 306 de CMG Cervães Rodrigues; carta da Guiné-Bissau, barra dos rios Cacine/Cumbijã, Instituto Hidrográfico, 1959-1964; NM Índia:

http://lh6.ggpht.com/_IYJi-lhses0/TB9M1SRI_GI/AAAAAAAAABP4/bJN90E3rtXA/s1600-h/India%20%281950-1971%29%5B4%5D.jpg;

mls